

## INÊS DE CASTRO - O AMOR EM MITO

Maria Natália Ferreira Gomes Thimóteo  
Departamento de Letras  
UNICENTRO, Guarapuava, PR

**Resumo:** O caso “Inês de Castro” é intemporal e tornou-se universal. Sua história é a invocação ao amor personificado, transformado em mito, por amor e morte se entrelaçarem. Estranhos personagens e estranho amor, que percorrem literaturas e países, através do tempo. Tema literário do século XIV ao século XXI, que “entra devagar nos poemas e nas cidades. Nada é tão indestrutível como a sua morte” e o mito que continua a alimentar as “aras do Amor”.

**Palavras-chave:** Inês de Castro, o Mito, o Amor.

**Abstract:** The story “Inês de Castro” is timeless and has become universal. Its history is the invocation of the personified love, transformed in Myth as love and death intertwine. Strange characters and strange love, which permeate literature and countries, through time. Literary theme from the XIV to the XXI century, which “slowly makes its way into poems and cities. Nothing is so indestructible like its death” and the myth that continues to nurture the “altars of love”.

**Key-words:** Inês de Castro, The Myth, The Love.

*“Conheceu-me, conheci-o,  
Quis-me bem e eu a ele,  
Perdeu-me, também perdi-o  
Nunca té morte foi frio,  
O bem que, triste, pus nele.”*

Estes versos de Garcia de Resende foram publicados em 1516 e pertencem às *Trovas que Garcia de Resende fez à morte de D. Inês de Castro*. Portanto, foi no século XVI que surgiram as primeiras obras literárias sobre o caso dos amores de D. Pedro e D<sup>a</sup> Inês. Trata-se de um ponto de partida de tudo o que se tem escrito de poético e de comvente sobre essa figura, uma das dominantes da poesia portuguesa e, nos séculos que seguem, nenhuma coleção de poesia é completa sem a lembrança da “*mísera e*

*mesquinha*” (infeliz e desgraçada, como a considera Camões). Quase sempre com intenção narrativa e somada a dimensão trágico-lírica desse episódio, esta história é um símbolo de paixão fatal que corre o mundo e tem merecido os tratamentos artísticos mais variados ao longo dos tempos, na poesia épica e lírica, no teatro, na pintura e na música. O caso de Inês de Castro tornou-se intemporal e universal. Mereceu um destaque especial de diversos autores e em diferentes épocas. O cronista Fernão Lopes, no século XV, assim a ele se refere: “Raramente se encontrou em alguém um amor tão grande como aquele que el-rei D. Pedro teve a D<sup>a</sup> Inês. Por isso lhe poderia aplicar o dito dos antigos, segundo o qual o grande espaço de tempo não faz perder da memória a pessoa amada que morreu.” (BAPTISTA, 1997, p.182).

Tendo o seu amor e sua vida sacrificados pela razão de Estado, a história de Inês vai encontrar em António Ferreira n’*A Castro*, não só o seu primeiro dramaturgo como também o que “na mais íntima e perfeita fusão entre o tema e a sua transcrição teatral soube realizar. (...) Daí que a sua peça ainda hoje continua a despertar o terror e a piedade dos expectadores.” (MOREIRA, 1970, p.385). Embora António Ferreira não tenha seguido fielmente a versão histórica, a fábula é comum àquela tratada por Garcia de Resende e Camões. Sem ser romantizada, António Ferreira descobre em sua versão, lances de tragédia que a História não confirma.

Muitos autores tentaram desmistificar esse amor, sob análise da interpretação política, mas algo maior o fortificou que desafia a frieza das análises, políticas e outras, e perante a qual a poesia da tradição se sobrepõe a tudo o mais. Nada se sabe da personalidade de Inês, a não ser da sua incontestável beleza. Poderia ser frágil e ingênua, que se perdeu por amor, ou então, segundo alguns historiadores, ambiciosa e entreguista ou ainda, uma vítima dócil ou mulher segura do seu direito à vida, lutando até morrer contra a prepotência real.

Notabilizada pela literatura do século XVI, partindo daquilo que encontraram na historiografia, os poetas caracterizaram-na pela beleza e pelo amor, motivo que a faz lutar pela vida. A essa luta foi dada uma dimensão nova, pelo texto dramático de António Ferreira, n’*A Castro*, que leva o Rei D. Afonso a ver em Inês uma “mulher forte”, em vez da “coitada mulher fraca”, assim retratada até então como “*ovelha mansa, fermosa, simples, casta, mísera e mesquinha*”, adjetivos dados a ela por Camões.

A história de Inês de Castro tornou-se a invocação ao amor personificado, transformado em mito, por nela amor e morte estarem entrelaçados, caso invulgar de interpretação da crônica e de literatura. Terá em Camões aquele que irá desenterrar do pó da história o “caso triste” para fazer dele uma obra de arte e, a partir de seu poema, muitos poetas tomarem-no como tema. Camões transformou Inês numa estátua mítica de beleza, tragédia e “impossibilidade amorosa”. Sua instauração como mito, coloca a sua história num pedestal inacessível a qualquer mancha de dúvida histórica ou moral, aniquilando o seu estatuto de verdade, caracterizando Inês como o símbolo da mulher-mártir, emprestando-lhe grandeza trágica, capaz de catalisar emoções e atrair a simpatia do leitor.

Mircea Eliade em *Aspectos do Mito*, analisa as completas relações entre Mito e História, sendo este fortalecido no campo histórico, em vez de ser por ela vencido.

Só com a descoberta da História(...), só através da assimilação radical deste novo modo de ser representado pela existência humana no mundo foi possível ultrapassar o mito. Mas não é certo que o pensamento mítico tenha sido abolido(...). Ele conseguiu sobreviver, embora radicalmente modificado.(...) E o mais curioso é que ele sobrevive, sobretudo na historiografia. (ELIADE, 1989, p. 27).

Essa sobrevivência do Mito à verdade histórica deve-se em grande parte às alterações resultantes da poetização. Principalmente, porque depois de *Os Lusíadas*, a amante de D. Pedro já não existe senão como a “linda Inês, posta em sossego”, do qual todos os outros poetas seus sucessores a irão tirar, porém mantendo-a para sempre, pelo menos no imaginário popular, a eterna ninfa da “fonte dos Amores”. Nunca mais os “saudosos campos do Mondego”, tiveram de si afastados os amores de Pedro e Inês. Coimbra teve eternizada a sua paisagem, testemunha de tão eloqüente e invencível amor, idílio feliz e tranqüilo entre os montes, campos floridos e vales serenos. Também é a eterna testemunha do símbolo do amor português, daquela “mísera e mesquinha” rainha, com sua coroa de pedra.

Passemos a observar alguns aspectos da verdade histórica e como Camões os transformou em verdade poética:

#### **A verdade histórica:**

- \* D. Pedro, filho do rei D. Afonso IV, casa-se com Dona Constança, de Castela, em 1340, mas apaixonou-se por uma de suas damas, D. Inês, o “colo de garça”, que pertencia a umas das famílias mais nobres e poderosas de Castela.
- \* D. Inês torna-se madrinha do príncipe D. Fernando, estabelecendo-se assim laços de parentesco moral (compadrio) entre ela e D. Pedro, apesar de serem primos.
- \* D. Inês é expulsa de Portugal mas, depois da morte de D. Constança, em 1345, regressa.
- \* Inês e Pedro passam a viver juntos, nos Paços de Santa Clara, em Coimbra. É aconselhado pela mãe e alguns fidalgos a desposá-la, mas recusa.
- \* Nasceram os filhos de Pedro e Inês.
- \* D. Pedro imiscui-se na política castelhana e os fidalgos portugueses temem pela sucessão do trono, diante da possibilidade dos filhos de Inês.
- \* O rei D. Afonso IV e seus conselheiros analisam a situação e concluem a necessidade de matar Inês.
- \* Num dia em que D. Pedro caçava, D. Afonso IV surge em Coimbra, com alguns fidalgos.
- \* D. Inês de Castro, que soube das intenções de D. Afonso IV, veio ao seu encontro rodeada de seus filhos, banhada em lágrimas, a implorar misericórdia e perdão.
- \* O Rei comove-se e hesita. Pressionado pelos conselheiros Álvaro Gonçalves, Pero Coelho e Diogo Lopes Pacheco, autoriza a execução de Inês.

\* Inês é decapitada em 7 de janeiro de 1355.

### **As alterações resultantes da poetização de Camões - a mitificação**

- \* A morte de Inês é apresentada como o “assassinato de uma inocente, um crime hediondo”.
- \* Não há referências quanto à expulsão de Inês do país e nem à tensão das relações com D. Afonso IV.
- \* Inês é apresentada como vítima do amor e não das razões de Estado.
- \* Há o encontro entre a vítima e os algozes, a súplica, o orgulhoso discurso de heroína.
- \* Os cavaleiros arrancam das suas espadas e trespassam-lhe o peito.
- \* O poeta dá a Inês morte “nobre”, a espada, de frente para os algozes e com os “olhos levantando”.
- \* Camões impõe ao texto as características da tragédia clássica: a ação funesta, a lei das três unidades – ação, tempo e espaço, os sentimentos trágicos, a fatalidade, provocando o terror e a piedade nos leitores.

Camões, no Canto III de *Os Lusíadas*, irá atenuar o peso da figura de Inês como figura histórica e política e transformá-la em persuasiva e veemente mulher que suplica a vida, mártir do Amor, imolando-a ao “Puro Amor”, raiz do lirismo medieval, ao Eros cruel dos Humanistas, ao deus que pretende “banhar com sangue humanos as suas aras”. Destaque-se principalmente a fala de Inês dirigida ao Rei, carregada de reminiscências clássicas e retoricamente mobilizada para despertar a piedade. Juntando-se a ela, a paisagem, o elemento lendário das “filhas do Mondego” e do seu pranto transformado em fonte, resultarão na transmutação da Inês mulher em Inês mito – uma das “criaturas” mais significativas de Camões. O Episódio apresenta uma estrutura que é composta por uma Introdução, (III, 118-9); os Antecedentes (“*as memórias de alegria*”, est. 120-22); a Ação Central – a morte de Inês (est. 123-132) e Considerações finais (est. 133-135).

#### 1. A Introdução contém:

- \* anúncio do episódio, “*o caso triste e dino de memória*” (118)  
a responsabilização do Amor – força trágica e fatal – “*Tu só tu, puro Amor com força crua/ (...) Deste causa à molesta morte sua*”.

#### 2. O Acontecimento:

- \* as “*memórias de alegria*”
- \* o “*engano de alma, ledo e cego*”, de Inês (120)
- \* o *amor recíproco* (121)
- \* um oponente e um destinador – “*o velho pai sesudo*” (122)  
o dia fatal (124-132); - Inês junto ao Rei (124-125); - Discurso de Inês (126-129); - Piedade do Rei; contraste entre os “*horríficos algozes*” (130).

#### 3. O desenlace – A Morte de Inês (132).

Inês, no episódio camoniano, revelada em três aspectos, é a “linda Inês”, mulher belíssima e apaixonada, que ensina “nos saudosos campos do Mondego” aos “montes e às ervinhas” “o nome que no peito escrito tinha(s)”. É também a mulher correspondida e vivendo “naquele engano de alma ledó e cego/ Que a Fortuna não deixa durar muito”. É finalmente a esposa e sobretudo, a Mãe que teme pelo desamparo dos filhos e apela à piedade do rei e avô e ao seu perdão por “uma culpa que não tinha”. A sua morte será um crime, contrário ao código cavaleiresco, “contra hua dama, ó peito carniceiros,/ Feros vos amostrais e cavaleiros?”. Sua morte é contrária às leis da justiça, pois morre sem culpa, contrária à beleza – trata-se de um crime de lesa-beleza: a *linda Inês* ficará sendo a “pálida donzela” por quem a própria natureza chorará (135).

Mas o verdadeiro responsável pela morte de Inês é o Amor, assumido como destino trágico. “Tu, só tu puro Amor, com força crua / (...) Deste causa à modesta morte sua (...)” (est. 119).

As palavras mais expressivas que Camões dá a Inês são antecedidas pelo olhar que se “alevanta” para o céu, como se fora uma mártir abandonada por Deus. Este olhar concede-lhe um ar de heroína e também de uma “assinalada”. São as palavras de uma mulher dotada de orgulho e dignidade míticas.

*Pêra o céu cristalino alevantando,  
Com lágrimas, os olhos piedosos  
(Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos);  
E despois, nos mininos atentando,  
Que tão queridos tinha e tão mimosos,  
Cuja orfandade como mãe temia,  
Pêra o avô cruel assi dizia:  
(...)*

*Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito  
(Se de humano é matar hua donzela,  
Fraca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencê-la),  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens à morte escura dela;  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.*

(CAMÕES, 1980, p.253).

A condenada apresenta um tom que desafia o seu algoz. Inês, de mãos atadas, olhar ao céu ‘alevantado’, assemelha-se aos “barões” que “alevavam” a voz heróica de Portugal, um “valor mais alto”.

E como se conta uma história de Amor? Somando-se uma história a outra, contadas com a energia de uma altíssima coluna de seres humanos interligados através do tempo e do espaço. As histórias que atravessam o tempo e espaço abrem-nos portas amplas e paredes fechadas, aberturas que nos levam à terra dos sonhos, que nos conduzem ao amor e ao aprendizado, que nos revelam o poder mítico dos relacionamentos humanos. Além de contar, é preciso cantar. Cantar significa usar a voz da alma, sussurrar a verdade do poder e da necessidade de cada um, soprar alma sobre aquilo que está doente ou precisando de restauração.

Os poetas de todos os tempos, como demiurgos, ressuscitam Inês, “tirando-a de seu sossego”, Assim também fez Ísis quando restaurava o corpo morto de seu marido Osíris, todas as noites, para que o Sol pudesse nascer, como Cristo levantou Lázaro, como Deméter chama sua filha Perséfone de volta da Terra dos Mortos, uma vez por ano. Aqueles que ‘re-criam’ a partir do que está morto produzem sempre arquétipos de duas faces. Em virtude dessa dualidade, a função do arquétipo é fazer com que aprendamos a discernir o que deve viver e o que deve morrer.

Na simbologia arquetípica, os ossos representam a força indestrutível. É difícil queimá-los e quase impossível pulverizá-los. Nos mitos e nas histórias, eles representam a alma indestrutível. A alma pode ser ferida, mutilada, mas é impossível eliminá-la. Os poetas, escritores, pintores, conseguem reunir todos os “ossos” na história de Inês de Castro, qual hino de recriação que revitaliza o mito do Amor, cuja história está gravada nos suntuosos túmulos desses amantes, no Mosteiro de Alcobaça, que continuam falando aos homens de todos os tempos. Canta também Bocage, na *Cantata à morte de D. Inês de Castro*, as vozes das maldições nos côncavos penedos: “Toldam-se os ares / Murcham-se as flores / Morrei Amores / Que Inês morreu”.

A história de Inês e a atuação de Pedro após sua morte, com fatos históricos de guerra civil, o suplício dos assassinos, a declaração do casamento e da trasladação para o Mosteiro de Alcobaça, com a cena lendária da coroação daquela que “depois de morta foi rainha”, foram retomadas principalmente pelos escritores e poetas do século XIX. Levados pelo gosto romântico do excessivo e do lúgubre, as potencialidades literárias da figura de D. Pedro, cruel para uns, justiceiro para outros, resultam em infintos estudos literários, médicos e históricos, referidos diretamente a D. Pedro.

O rei violento e excessivo em tudo o que fazia nasceu no momento em que soube da morte de Inês. Declarando que “nem amor nem vingança existirá igual”, como nos narra a peça de teatro *A Morta*, de Lopes de Mendonça, encenada em 30 de dezembro de 1890, o Rei anuncia uma guerra sem precedentes, pois se “ela morreu! Ninguém tem o direito à vida”.

Antonio Patrício, em *Pedro, o cru*, chama-o de “rei-saudade”, num texto considerado como um dos mais belos que se escreveu em português sobre D. Pedro. “O meu reino é maior do que tu pensas. Portugal é uma província apenas... O meu reino de segredo, sem fronteiras, o meu reino de Amor abrange a Morte, a sua Natureza de Mistério.” (SOUSA, 1984, p.73). E ainda diz Pedro: “Agora sei, Inês... agora entendo.

Morreste moça – para viveres na eternidade sempre moça. Bendito seja sempre o teu martírio.” (p.72).

Fernando Pessoa, na mesma época de Antonio Patrício, interessou-se profundamente pela figura do Infante apaixonado e dolorosamente surpreendido pela morte da amada. Infelizmente o poeta compôs apenas alguns versos esparsos sobre ele.

No século XX, no seu primeiro período, o episódio deixa de interessar como tema dramático. Júlio Dantas, em 1920, apresentando *A Castro*, de Antonio Ferreira, achou que devia “assegurar sua viabilidade perante as exigências do público moderno; de maneira reconstituída, com vários cortes, “em versão reduzida”. Não obteve êxito, provando que a tragédia de Ferreira deve ser mantida intacta.

Miguel Torga, em *Inês de Castro*, inserida nos *Poemas Ibéricos*, na versão final de 1965, remete-nos para uma mitologia dos grandes amores, ao falar “ao eterno mito do poeta, à linda Inês.../ eterna Julieta castelhana/ do Romeu português”. Tomás de Figueiredo pensa nos túmulos e cria um diálogo entre eles: “Ouves Inês, a minha voz, aí / nesse leito rendado que te dei?”. Como sendo o Novo Orpheu, Pedro consegue pela força de seu amor, a resposta dolorosa de Inês, contendo uma censura: “Porque é que não chegaste, Pedro, a tempo? / Amado, o tempo nunca volta, nunca!”.

Tomás de Figueiredo em *Viagens no meu Reino*, recria um ambiente de tempos passados e merece leitura muito atenta. Rui Belo, em seu livro de poemas, *Margem da Alegria*, também segue de perto as crônicas, misturando termos arcaicos, mas é declaradamente uma epopéia. “Eu canto os amores e a morte a apoteose e a sorte / dessa que tão horizontal em pedra jaz [...]”.

Em 1968, Fernando Luso Soares “obteve a primeira tentativa coroada de êxito”, (SOUSA, 1984, p.85), de remeter a tragédia de Inês de Castro para a “sua gênese eminentemente política”, segundo a qual este tema “é essencialmente político e só depois se manifesta como expressão do amor divino”. No drama inesiano. *A outra morte de Inês*, as figuras anônimas que representam o Rei e os três conselheiros defendem-se, condenando a poesia da lenda de Inês. É do Rei esta sentença: “a memória dela permanece segundo a lenda gravemente ofensiva do poder soberano; aos justiceiros chamaram assassinos; mas porque persiste em deturpar as razões que me levaram à condenação antiga, é da minha vontade que matem essa lenda”.

Mas ele sabe que essa lenda, ao identificar-se com o Mito, é como ele, indestrutível: “Que sorte negra, a de termos cruzado, Inês de Castro! [...] Receio que o teu símbolo resista, mas eu ficarei, com os meus companheiros, a conspirar a morte da tua memória”.

Ainda nos diz Luso Soares, fazendo uma reflexão sobre o que significa “a história desta Inês tão linda”, como canta aquela canção memorável – “*Coimbra do choupal...*”.

Estranho príncipe e estranho amor! Estranhas significações que não descansam!  
Estranha pedra onde ele mandou gravar a sua história com essa mulher – uma história inaceitável, feita para simular a realidade de um ato que Roma lhe

recusou. A Igreja tinha-se negado a considerar-lhe válido o insensato matrimônio. A resposta que D. Pedro deu foi esta: guardou Inês como rainha, como sua mulher, dentro de um templo – o Mosteiro de Alcobaça, um dos templos mais nobres dessa mesma Igreja. Heroicidade ou afronta? E indo mais longe, como se fora Deus, decidiu, na pedra do seu esplêndido túmulo, conceder o paraíso para uns e o Inferno para outros. Nesse túmulo descreve-se, com perturbadora minúcia, o horroroso castigo que infligiu aos assassinos de Inês. Contra o terem-na degolado, são eles precipitados na garganta de um mostrengo. (MOREIRA, 1987, p.384).

Lenda ou história, não importa qual delas é a mais verdadeira. O que importa é que gerações de crentes e amantes vingam a desgraça imerecida e a immortaliza, embelezando a história e historiando a lenda, na memória dos homens, que sempre a cantarão e chorarão. “Também de pranto / a vestiram toda / era como um manto / mais fino que a roupa”, como diz Fíama Paes Brandão em seu poema “*Inês de manto*”.

Cantem, Jorge de Lima, Ivan Junqueira, Agustina Bessa-Luís, Fíama Paes Brandão, Sophia Melo Breyner, Rui Belo, Herberto Helder... e tantos mais. Cantem para sempre, em prosa e verso esse caso invulgar que se transformou em fenômeno literário, esse poema de amor, de lenda e de história concebido, em fonte, em mito, em pedra e em palavras gravado.

## Referências

BAPTISTA, V. S. et al. *Signos*. Lisboa: Lisboa Editora, 1997.

CABRAL, A. S. *Camões épico*. Introdução à leitura de *Os Lusíadas*. Lisboa: Edições Sebenta, 1996.

CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. (Edição comentada). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Lisboa: Edições 70, 1989.

MOREIRA, V.; PIMENTA, H. *Dimensão literária*. Porto: Porto Editora, 1970.

SOUSA, M. L. M. de. *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1984.

\_\_\_\_\_. *Inês de Castro – um tema português na Europa*. Lisboa: Edições 70, [s.d.].